

O CONTEXTO SOCIAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE QUÍMICA E NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.

Rivaldo Lopes da Silva^{1*}, Bruno Ferreira dos Santos²

1. Estudante de IC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus Jequié

2. Pesquisador da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus Jequié

*rivaldo.lopesdasilva31@gmail.com

Resumo:

O presente resumo é parte do trabalho desenvolvido durante o período de um ano no projeto de iniciação científica financiado pela CNPq. Buscou-se analisar a prática pedagógica de um professor de química que leciona em duas escolas situadas em contextos sócioeconômicos diferentes e observar como este contexto social afeta a prática pedagógica e sua relação com os alunos das duas escolas. Utilizou-se como referencial a teoria de Basil Bernstein e como instrumentos de análises alguns indicadores desenvolvidos pelo grupo ESSA (Estudos Sociológicos de Sala de Aula) da Universidade de Lisboa. Os indicadores discutidos neste trabalho são: a relação de comunicação existente em sala de aula, perguntas dos alunos e a intervenção dos alunos com incorreções. Analisou-se a relação professor-aluno quanto ao grau de enquadramento.

Palavras-chave: contexto social; prática pedagógica; questionamentos.

Apoio financeiro: CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UESB

Introdução:

Basil Bernstein é um sociólogo inglês que em sua teoria estabelece uma relação entre a linguagem e o êxito escolar. Segundo ele é possível existir um código elaborado e um código restrito na comunicação. O código elaborado corresponde a uma variedade caracterizada por uma maior complexidade

sintática e léxica. Já o código restrito, ao contrário, é mais reduzido, depende do contexto imediato para comunicar significados, e é sintática e lexicalmente menos complexo. Esses códigos são adquiridos como resultado de distintos processos de socialização em comunidades e famílias diferentes. Segundo Bernstein, o fracasso escolar de crianças de famílias socioeconomicamente desfavorecidas seria explicado pelas diferenças entre o código do contexto escolar e aquele empregado na família.

A teoria de Bernstein traz ainda os conceitos de classificação (C) e enquadramento (E). A classificação refere-se ao grau de manutenção de fronteiras entre categorias. O enquadramento refere-se às relações sociais entre categorias, isto é, à comunicação entre elas. A classificação é forte quando há uma nítida separação entre categorias, o que dá origem a hierarquias em que cada categoria tem um estatuto e voz específicos e, portanto, um determinado poder; a classificação é fraca quando há um esbatimento das fronteiras entre categorias. O enquadramento é forte quando as categorias com maior estatuto têm o controle nessa relação; é fraco quando as categorias de menor estatuto também têm algum controle nessa relação. Os diferentes valores de enquadramento e de classificação dão origem a diferentes modalidades de códigos pedagógicos.

Para os indicadores analisados, o enquadramento refere-se à relação professor-aluno. Sobre a relação de comunicação quanto a troca de informação e a aceitação por parte do professor da contribuição dos alunos. O indicador pergunta dos alunos refere-se ao posicionamento do professor ao responder

perguntas feitas pelos alunos. Já sobre a intervenção dos alunos com incorreção trata sobre como o professor recebe e reage à intervenção dos alunos.

Metodologia:

Sobre o acompanhamento das aulas: observou-se aulas em turmas de primeira série do ensino médio do colégio Antônio Pinheiro (privado) e o Colégio Estadual Maria José de Lima Silveira (público), situados na cidade de Jequié-Ba, e o áudio das mesmas foram gravados para posterior transcrição e análise. Nestas observações prestou-se bastante atenção no comportamento do professor e a relação professor-aluno, na influência desta relação no processo de ensino-aprendizado, além de buscar indícios sobre como o contexto social, e a diferença entre a classe social dos alunos afetam de forma direta ou indireta no aprendizado de química. Acompanhou-se as aulas de química nos dois colégios por uma unidade letiva, atentando-se para como os conteúdos são ministrados e se existe diferença quanto ao método utilizado, a velocidade com que os conteúdos são passados e a facilidade dos alunos em aprender estes conteúdos.

Sobre os estudos teóricos: participação nos encontros semanais com o orientador e grupo de pesquisa (GEPEQS – Grupo de Estudos e Pesquisas Ensino de Química e Sociedade), nos quais são lidos e discutidos textos de referências sobre o tema abordado no projeto de pesquisa. Nesta reunião são feitas leituras sobre pesquisadores educacionais como Ana Maria Morais, além de leituras complementares como Philippe Perrenoud, entre outros.

Sobre a análise dos dados: para investigar a existência da influência do contexto social no ensino de química, analisou-se várias vertentes referentes ao cotidiano da sala de aula como as relações entre professor e alunos, a prática pedagógica, exigência conceitual, assim como aspectos comportamentais e cognitivos. Levou-se em consideração todas as atividades proposta em sala de aula, sempre comparando os dados obtidos na escola privada com os obtidos na escola pública e fundamentando-se na teoria de Bernstein.

Resultados e Discussão:

Toma-se os fragmentos da a escola pública como PU e da escola privada como PR.

Inicialmente analisa-se a relação de comunicação levando em consideração o discurso do professor e a comunicação entre professor e aluno. Em segundo lugar analisa-se sobre a intervenção dos alunos sem incorreção.

Quadro 1: Caracterização de enquadramentos

Indicador	Enquadramento	
	PU	PR
Relação de comunicação	E ⁺⁺	E ⁺
Pergunta dos alunos	E ⁻	E ⁻⁻
Intervenção dos alunos com incorreções	E ⁺⁺	E ⁻

Para o indicador relação de comunicação, o enquadramento para a escola pública é mais forte do que na escola privada, evidenciando o quanto o professor induz em seu discurso a resposta do aluno da escola pública, o que não é tão evidente para os alunos da escola privada. Sendo assim percebe que o professor espera mais dos alunos da escola privada ao deixar que suas respostas sejam mais espontâneas do que dos alunos da escola pública no que a orientação para a resposta é maior.

Para o indicador pergunta dos alunos, na escola pública o professor responde às perguntas dos alunos, formulando novas perguntas e fornecendo algumas informações, caracterizando um enquadramento fraco, enquanto que na escola privada o professor promove entre os alunos a discussão.

Em se tratando da intervenção dos alunos sem incorreção, o professor tem enquadramento fraco na escola privada enquanto apresenta enquadramento muito forte na escola pública. Isto demonstra que na escola privada o professor de certa forma valoriza mais a contribuição do aluno e trabalha com este para reelaborar de forma mais clara este pensamento. Enquanto que na escola pública o professor apenas aponta o erro e prossegue com a explicação.

Conclusões:

A partir das análises feitas, se pode afirmar que, existe diferença no desenvolver da prática pedagógica do professor investigado nas turmas das duas escolas. Notou-se que os graus de enquadramento não apresentaram distanciamentos muito altos, porém são significativos. Pode-se afirmar que o professor considera mais as contribuições dos alunos da escola privada que as dos alunos da escola pública. Como os alunos desta última escola são provenientes de segmentos sociais inferiores, consideramos que o contexto social poderia neste caso estar exercendo influência sobre a prática pedagógica.

Referências bibliográficas

BERNSTEIN, Basil. A Estruturação do Discurso Pedagógico – classe, código e controle. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARDOSO, L & MORAIS, A.M. A causa do aproveitamento diferencial em ciências nas crianças de extratos sociais mais baixos – um estudo sociológico.

MIRANDA, C. e MORAIS, A. M. (1994). O contexto social na relação entre a exigência conceptual dos professores e o desenvolvimento científico dos alunos. Aprender, 17, 55-70.

MORAIS, A. M., PENEDA, D., NEVES, I. P. e CARDOSO, L. (1992). Socialização primária e prática pedagógica: Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.